



Wilson do
N. Barbosa

A Surda

Paul Singer

Militante por uma utopia

Catullo Branco

Conversa entre amigos

Caindo nas Conversas de Catullo, Wilson e Paul Singer

Francisco del Moral Hernandez¹

Três homens de ação inauguram a coleção Memória Militante dirigida por Marisa Midori, Lincoln Secco e Plínio Martins, por sua vez, três militantes-amantes dos livros e da ação.

Catullo Branco, Paul Singer e Wilson do Nascimento Barbosa escreveram partes de suas memórias produzindo, cada qual a seu estilo, uma espécie de armadilha ao leitor. Sabiam que seus dons expositivos sobre o que lhes ocorreu no passado despertariam o interesse, especialmente dos leitores mais jovens, e mobilizariam, em momento posterior, posicionamento e a utopia, aqui tomada em seu sentido forte e promissor, de realização futura de algo vislumbrado hoje, exercitado ontem e hoje e examinado sempre. Este é o sentimento que possivelmente muitos leitores experimentarão ao fechar estes livros durante as investidas na leitura. O plural se justifica, pois não são textos para a leitura ininterrupta, mas sim recursiva, com retornos, destilação e identificação pessoal da humanidade e suas idiossincrasias, presentes em cada parágrafo. O compromisso dos autores com a interpretação da vida como ela é, feita por latino-americanos e brasileiros de carne e osso, com cheiros e sacolejos na corda bamba, repletas de bambas e samba é algo delicioso, muito embora uma dose de melancolia seja, além de perceptível, inevitável.

Os sucessivos contos presentes em *A Surda*, de Wilson do Nascimento Barbosa, repletos de realidade e envolvimento do autor com os episódios relatados, foram escritos no Chile e na Suécia e produzem uma permuta contínua entre ação e emoção, leitor e autor. Isto se explica. Wilson estava

1. Engenheiro Elétrico. Professor de Engenharia Ambiental na UNESP, Tecnologia em Gestão Ambiental na FATEC Jundiá e de Engenharia Elétrica na Faculdade de Americana

lá e quando fala do povo, choque elétrico, ônibus lotado, como se acomodar para dormir nos momentos desconfortáveis da vida, saborear o macarrão “barato”, a *Violeta* na vitrola, o papel da conversa para o analfabeto, convence e anima quem escuta e ouve o texto. Quem teve o privilégio, como eu, de ter tido Wilson como professor, identificará claramente a semelhança dos textos com suas aulas, temperadas de erudição e da constatação de que o povo, cedo ou tarde coloca a escada nos muros dos “condomínios fechados” para ver o que está acontecendo lá dentro.

Construir uma sociedade diferente a partir deste exato momento transparece na militância-vida de Paul Singer, tanto quanto a complementaridade e conflito entre revolução política e revolução social. O seu memorial apresentado à candidatura de Professor Titular na Universidade de São Paulo e agora apresentado no volume *Paul Singer – Militante por uma utopia*, revela a coerência na construção de uma teoria interpretativa da realidade brasileira. Singer por ser militante, homem de ação, não foge de uma empreitada dura: reconhece que o organizador primário da sociedade é o capitalismo. Oferece a cada instante então, formulação crítica e implantes socialistas, clivagens e cunhas que vão desde sofisticadas coletas de evidência sobre desdobramentos macroeconômicos da realidade, até o associativismo e solidariedade entre os trabalhadores como estabelecimento de campo minado no capitalismo realmente existente.

Finalmente, mais um professor, (agora na área de engenharia) faz uma conversa entre amigos, mas que alfineta alguns, especialmente aqueles adeptos da análise apressada.

As páginas de *Catullo Branco – Conversa entre amigos* reverberam a delícia da boa conversa e podem afastar a preguiça dos que não agem ou preferem ficar na superfície das análises do complexo caminho histórico daqueles que se dedicam à formulação de políticas públicas, cada vez mais recheadas da política privada. Catullo Branco, homem de ação, varre um longo período de sua vida. Fala de seu abraço à política, ao comunismo, à engenharia, ao interesse público e à transformação social. Não o intimidavam o combate, o desafio, a análise e a incompreensão. Aliava-se à depuração e à decantação da decisão política. Não personalizava e não monopolizava a análise que tão bem fazia. Não gostava do monopólio, nem das ideias nem do poder: combateu ambos, mas sem a pressa que seduz e, por vezes, trai.

Catullo Branco se dedicou a investigar e posteriormente denunciar as causas do aumento da frequência de inundações na região da Grande São Paulo. Identificou pela política e através da avaliação técnica amparada pela observação e cálculos que os rios não deveriam ser arbitrariamente

silenciados pela retificação de suas curvas e desaparecimento de suas corredeiras face à presença insaciável do lucro de grandes corporações que não estão interessadas em discutir alternativas, mas sim se apropriar de mananciais, identificar, a valorização de terras ribeirinhas, para delas extrair o que for possível. Os rios silenciados gritam depois, e junto deles os ribeirinhos. No início do século XX o ouro era eletrificar a cidade, conduzir as linhas de bonde de acordo com os traçados que mais valorizassem as terras anteriormente mapeadas para serem valorizadas. Catullo Branco foi voz isolada dentro de seu partido na contraposição a projetos que prometiam o progresso, mas pecavam na eficiência na utilização dos recursos naturais. Catullo, caso acordasse neste momento e observa-esse o papel da engenharia e da política, o que diria? Creio que ensinaria o caminho mais difícil: dizer e fazer mais daquilo que viu e anteviu em seus momentos de dedicada atividade profissional voltada ao interesse público, em nada seduzida pela política das grandes corporações, que de fato são os segmentos que mais planejam. As Lights de outrora, se transformam em outras nesta hora.

As vidas de Catullo, Wilson e Paul mostram muitas semelhanças, e nestas *memórias militantes* mais uma se evidencia – a transformação e a vida no mundo urbano. A leitura dos três textos e esta urbanidade comum me fizeram, no desfecho deste convite à leitura, transcrever um trecho de samba de autoria de Edu de Maria e Bruno Ribeiro, feito em homenagem a um botequim instalado no Mercado de Campinas – o Bar do Pachola, musicado pelo Núcleo de Samba Cupinzeiro, grupo militante da cultura popular e do samba de raiz.. Canta-se assim:

*“Não existe a democracia para além do meu botequim,
só aqui come o rico e o pobre e até quem não gosta de mim.
O bar do Pachola é uma escola pra quem sabe aprender
que a vida não dá bola pra remandiola que tá no poder”.*